



***No portal da eternidade: uma análise da cinebiografia de
Vincent Van Gogh dirigida por Julian Schnabel***

***En la puerta de la eternidad: un análisis de la película biográfica
de Vincent Van Gogh dirigida por Julian Schnabel***

***At Eternity's gate: an analysis of Vincent Van Gogh's biopic
directed by Julian Schnabel***

Alane Melo da Silva¹

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9702-9816>

Resumo: A representação de figuras históricas está presente no cinema desde a sua invenção. O pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890), um dos mais proeminentes artistas do Ocidente, teve sua biografia levada às telas em diferentes períodos dos séculos XX e XXI. No início do século XXI, foi lançada a cinebiografia, *No portal da eternidade* (2018), escrita e dirigida por Julian Schnabel, o qual retrata os últimos dois anos de vida do pintor com uma abordagem imersiva em seus transtornos mentais e produção artística. Nesta pesquisa, será analisada a representação de Vincent Van Gogh na obra fílmica *No portal da eternidade* (2018), refletindo como as descobertas biográficas e a linguagem cinematográfica refletem o imaginário do século XXI sobre o pintor holandês. Como fundamentação teórica para a análise sobre a biografia serão apresentados os estudos de Levi (1989), Bourdieu (1996), Markendorf (2013) dentre outros.

Palavras-chave: Vincent Van Gogh; Cinebiografia; Julian Schnabel; *At Eternity's Gate* (2018).

Resumen: La representación de personajes históricos ha estado presente en el cine desde su invención. El pintor holandés Vincent Van Gogh (1853-1890), uno de los artistas más destacados de Occidente, llevó a la pantalla su biografía en diferentes períodos de los siglos XX y XXI. A principios del siglo XXI se estrenó la película biográfica *En la puerta de la eternidad* (2018), escrita y dirigida por Julian Schnabel, que retrata los dos últimos años de la vida del pintor con un enfoque inmersivo en sus trastornos mentales y su producción artística. En esta investigación se analizará la representación de Vincent Van Gogh en la película *En la puerta de la eternidad* (2018), reflejando cómo los descubrimientos biográficos y el lenguaje cinematográfico reflejan el imaginario del siglo XXI sobre el pintor holandés. Como base teórica para el análisis sobre la biografía se presentarán estudios de Levi (1989), Bourdieu (1996), Markendorf (2013), entre otros.

Palabras clave: Vincent Van Gogh; Cinebiografia; Julian Schnabel; *At Eternity's Gate* (2018).



Abstract: The representation of historical figures has been present in cinema since its invention. The Dutch painter Vincent Van Gogh (1853-1890), one of the most prominent artists in the West, had his biography brought to the screen in different periods of the 20th and 21st centuries. At the beginning of the 21st century, the biopic, *At Eternity's Gate* (2018), written and directed by Julian Schnabel, was released, which portrays the last two years of the painter's life with an immersive approach to his mental disorders and artistic production. In this research, the representation of Vincent Van Gogh in the film *At Eternity's Gate* (2018) will be analyzed, reflecting how biographical discoveries and cinematographic language reflect the 21st century imagination about the Dutch painter. As a theoretical basis for the analysis on the biography, studies by Levi (1989), Bourdieu (1996), Markendorf (2013) among others will be presented.

Keywords: Vincent Van Gogh; Biopic; Julian Schnabel; *At Eternity's Gate* (2018).

Introdução

Vincent Willem Van Gogh (1853-1890) foi um pintor holandês cuja produção artística é considerada um dos pilares da arte moderna. Nascido em uma família de classe média, Van Gogh foi vendedor de arte na juventude e iniciou sua carreira na pintura aos 27 anos de idade. O pintor realizou uma extensa produção artística, porém, em vida recebeu pouco reconhecimento da crítica especializada, e apenas algumas de suas pinturas foram vendidas. No entanto, após o seu falecimento, sua obra obteve popularidade entre críticos de arte e o público geral. Conforme lembram os estudos de Naifeh e Smith (2011), Bailey (2018), dentre outros, ele se tornou um nome celebrado na arte, sendo considerado um dos mais importantes artistas do Ocidente.

Neste texto, analisaremos a cinebiografia de Vincent Van Gogh, *No portal da eternidade* por meio de estudos sobre a narrativa biográfica e a representação do personagem histórico no cinema. O filme foi lançado mundialmente pela *CBS Films*, em 2018, dirigido por Julian Schnabel, roteirizado por Julian Schnabel, Jean-Claude Carrière e Louise Kugelberg. A obra fílmica tem duração de 111 minutos e apresenta importantes acontecimentos dos dois últimos anos de vida de Vincent Van Gogh.

No filme de 2018, Van Gogh é retratado como um personagem complexo, um artista em busca de sucesso que sofre com a rejeição e que, além disso, é acometido por transtornos mentais que o fazem tomar atitudes que poderão ser consideradas problemáticas pelos espectadores dos filmes. Desde a sua chegada à cidade de Arles, no sul da França, até a sua internação no hospital psiquiátrico *Saint-Paul*, período em que realizou uma extensa produção artística, o pintor, seu talento e seus transtornos mentais são mostrados nas telas por meio de frames luminosos e em

cenar em campo aberto que buscam efeitos estéticos análogos às pinturas de Van Gogh.

No processo de representação no cinema, em especial tratando-se da biografia de uma figura histórica como Van Gogh documentos como cartas, registros familiares e testemunhas que conviveram com o biografado são fontes utilizadas para organizar os acontecimentos e auxiliar a moldar a representação do biografado nas telas. Embora haja um cuidado em observar a documentação sobre a vida do personagem histórico, é por meio da adaptação que a figura histórica é recriada na sétima arte, conforme o objetivo do roteiro e da direção do filme, bem como do contexto social e ideológico do período de produção da obra cinematográfica.

O diretor e roteirista do filme, Julian Schnabel é um reconhecido pintor neoimpressionista e já dirigiu as obras: *Basquiat* (1996), *Antes do Anoitecer* (2000), *O escafandro e borboleta* (2007), *Miral* (2010) e *No portal da eternidade* (2018). Toda a sua cinematografia gira em torno dos temas da narrativa biográfica.

Em uma entrevista sobre o seu processo criativo para a produção do filme, Schnabel afirmou que apresentar uma narrativa totalmente verídica sobre a vida de Van Gogh não foi o objetivo de seu filme. Conforme o autor em entrevista para Cox em 2019: “Não sei se é real ou não. Não acho que isso seja um problema”, diz Schnabel. “A única maneira de fazer este filme era inventá-lo, porque todo mundo acha que sabe tudo sobre Van Gogh”.

Desta forma, Schnabel como roteirista e diretor da obra, buscou criar uma narrativa flexível com a apresentação de fatos sobre a vida do pintor. Há uma grande margem para imaginar a figura histórica dentro de uma criação de personagem ficcional, em que a construção narrativa se baseia e em quem o diretor acredita que Van Gogh é, e não em uma construção narrativa que busca total fidelidade a documentos históricos. Uma das principais fontes de pesquisa usadas para embasar a construção do personagem cinematográfico feita por Schnabel foi a biografia *Van Gogh: a vida*, de Gregory Smith e Steven Naifeh publicada em 2011.

Cinebiografias são filmes que costumam ter grande credibilidade entre a crítica especializada e, em alguns casos, tornam-se sucessos comerciais. Alguns exemplos são os clássicos *Napoleon*[...] (1927) e *The private life of Henry VIII* (1933), que trouxeram personagens históricos de grande popularidade para as telas cinematográficas e foram pioneiros para a fundamentação deste gênero cinematográfico. De acordo com Mendes (2010, p. 3) “os filmes biográficos, entretanto, a par de todo o consumo que podem gerar, tendem a enfatizar mais a vida do que a



obra do artista”. O diretor buscou mostrar a carreira artística de Van Gogh, o seu pensamento sobre a pintura e não apenas fatos controversos sobre a sua vida pessoal. O ator William Dafoe, intérprete de Van Gogh, afirmou: “Uma vez Julian e eu conversamos, ele me disse para ler o livro de Steven Naifeh e Gregory White Smith, *Van Gogh: a vida*. Eu li e fiz notas de todas as coisas que me interessavam, e essa foi realmente minha introdução para fazer parte do processo”.

Steven Naifeh e Gregory Smith são dois graduados em Direito pela Universidade de Harvard. Em 1991, publicaram uma biografia sobre Jackson Pollock, pintor expressionista estadunidense, obra que os lançou no mundo da literatura biográfica e os fez vencer o prêmio *Pulitzer* de biografia daquele ano. *Van Gogh: a vida* apresenta uma visão cronológica sobre a vida do pintor iniciando na sua infância até as especulações sobre a sua morte. A obra levou dez anos para ser lançada e foi feita com o auxílio de centenas de documentos e acesso às obras do pintor expostas nos principais museus do mundo, o que permitiu que os autores detalhassem aspectos históricos, sociológicos, culturais e psicológicos da vida de Van Gogh. Naifeh e Smith apresentam a relação da família Van Gogh com a arte, relatam o histórico de transtornos mentais presente no clã holandês, e especulam uma possível hereditariedade desses transtornos. Os autores abordam os pormenores pessoais da vida íntima de Van Gogh, bem como destacam sua relação duradoura com a pintura. Na biografia, há um grande destaque para as pinturas de Vincent, permitindo ao público leitor acompanhar a evolução artística do pintor e assim entender a realização de uma das mais importantes produções artísticas da arte moderna.

O livro de 900 páginas traz questionamentos para fatos, já historicamente reconhecidos como cânone quando se trata de Van Gogh, como por exemplo, o fato de o pintor ter cometido suicídio aos 37 anos de idade. Os autores apresentam a possibilidade de o pintor ter sido assassinado, uma nova teoria incorporada por Schnabel em *No portal da eternidade*. A biografia tem o objetivo de questionar a mitologia e os estereótipos atribuídos a Vincent e buscar uma abordagem mais realista para o homem e o artista.

Vincent Van Gogh e a arte: o artista moldado por suas pinturas

No portal da eternidade prioriza a trajetória de Van Gogh como artista ao mostrar o seu relacionamento com a pintura durante toda a narrativa. O filme foge de certos clichês narrativos como a rejeição de Van Gogh em suas tentativas de conquistas amorosas e o seu relacionamento conturbado com a família. Assim, conflitos pessoais são sobrepostos e a discussão fílmica apresenta como ideias centrais o desenvolvimento artístico de Vincent, a convivência do pintor com Theo Van Gogh e Paul Gauguin, além de enfatizar os problemas de saúde mental do pintor.

Pierre Bourdieu (1996, p. 190), em seu texto *A ilusão biográfica*, afirma:

Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado, ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo.

Ao filmar uma cinebiografia sobre uma figura já tão explorada na narrativa audiovisual os roteiristas precisam apresentar um enredo que busca acrescentar ou se contrapor ao que já foi apresentado anteriormente no cânone fílmico. Da mesma forma, o diretor do filme é responsável por buscar soluções criativas para criar uma representação para o artista; para isso, cenários, figurinos, técnicas de filmagem e escolha de elenco são essenciais para a apresentação de uma nova adaptação em telas.

Em *No portal da eternidade*, Schnabel escolheu como protagonista William Dafoe, na época com 63 anos de idade, muito mais velho do que o pintor holandês ao falecer. O ator tem uma filmografia extensa, já tendo atuado em diversos gêneros e com cineastas de diferentes nacionalidades. A sua primeira indicação ao Oscar como ator principal foi recebida pelo filme. Em entrevista ao *The Wrap*, em 2019, Dafoe comenta o processo de filmagem e o estilo de Schnabel:

É um tipo de filmagem muito pessoal. Então eu me tornei sua criatura. Eu me tornei uma extensão dele. Uma das coisas bonitas sobre isso foi que eu senti que éramos a mesma pessoa. Tínhamos um mão curta, não conversávamos muito, mas fizemos a pintura e estávamos



nos lugares onde Van Gogh esteve. Foi uma experiência muito forte, e o filme é uma expressão disso. Julian tem ideias muito fortes, mas também há algo orgânico nisso, ele é flexível. Ele tem uma visão forte, mas não é didático. Ele está tentando descobrir algo. Não é como se ele tivesse algo que ele quer explicar para você, e então ele vai fazer o trabalho para comunicar isso. É mais uma experiência de criar uma estrutura e fazer algo que fale de uma experiência que ele está tendo (Welk, 2019, s.p.)¹.

Segundo Dafoe, fica claro que Schnabel deseja mostrar em seu filme algo ainda inédito sobre o pintor. O diretor tenta criar uma obra que não restringe a personalidade de Vincent, mas a reimagina por meio dos cenários e recursos cinematográficos, como por exemplo, o uso de *close-ups*, este ponto de vista em primeira pessoa, desde o olhar que segue ao contemplar os campos e expressá-los nas telas, ajudam a atestar a originalidade do trabalho de Vincent.

Schnabel, ao ser questionado sobre a escolha de Dafoe para interpretar Van Gogh, em entrevista ao *Indiewire* em 2017, afirmou: “Willem tem a profundidade de caráter, ele é essa pessoa. Ele tem a profundidade de caráter e a compaixão e a empatia” (Thompson, 2017, s.p.). Assim, a questão da idade não foi um ponto limitador para a escolha do protagonista, pois alguém que fosse capaz de encarnar as características de personalidade de Van Gogh para as telas foi o principal critério de escolha. Este fato revela a leitura do personagem histórico feito por Schnabel como alguém com uma personalidade complexa e que por isso seria mais bem representado por um ator com maior experiência. Na mesma entrevista para Thompson em 2017, ao ser perguntado se gostava de outras cinebiografias sobre Van Gogh como *Lust for Life* (1956), dirigida por Vincente Minnelli, e *Vincent e Theo* (1990), dirigida por Robert Altman, o diretor afirmou:

Acho que eles não entendem, disse ele. Talvez eu tenha que ser um pintor para poder fazer este filme, provavelmente é por isso que estou fazendo isso. Eu vejo como faço uma pintura ou uma obra de arte. É preciso fazer o espectador não sentir que está assistindo Vincent Van Gogh, mas está vivendo a vida dele. Não estamos tentando

¹ Essa e as demais traduções do texto são de responsabilidade da autoria.



abordar toda a história de sua vida. Trata-se realmente de entender o que é a pintura, como é uma linguagem diferente. É um mundo pintado, uma forma diferente de se comunicar.

Assim, Schnabel realiza a sua obra priorizando os aspectos da carreira artística de Van Gogh. A perspectiva de trabalho de Schnabel traz ao cinema uma comunicação semiótica de ideias, em que, por meio da narrativa cinematográfica, o cineasta amplia o espaço para o debate sobre a vida e a arte. Um ponto relevante sobre as escolhas de Schnabel é exatamente mostrar o artista em sua realização mais profunda que é o seu processo de pintura. O filme em longos *takes* mostra Van Gogh correndo pelos campos, observando a natureza, buscando um local apropriado para realizar suas pinturas, tocando elementos como a terra, as plantas e as flores.

A trilha musical de Tatiana Lysovskya acompanha o personagem neste momento, e transmite ao público a sensação de pertencimento de Vincent aos ambientes naturais, este era o mundo que ele buscava interpretar em suas pinturas. Em algumas sequências, a direção utiliza a câmera nas mãos como alternativa para capturar ângulos e movimentos que sugerem alterações no pensamento do protagonista.

Bailey (2020) comenta que embora Schnabel tenha evitado alguns exageros dramáticos, a obra cinematográfica de 2018 introduz novos mitos sobre o artista holandês, como por exemplo, a presença de um falso caderno de desenhos atribuído como de autoria de Van Gogh, o qual teria sido um presente de sua amiga Madame Ginoux. Segundo o jornal *The Guardian*, em 2016, a professora da Universidade de Toronto, Bogomila Welsh-Ovcharov, afirmou ter encontrado um caderno de contas que pertencia ao *Cafe de La Gare*, em Arles, local em que Vincent Van Gogh esteve hospedado em 1888 (Brown, 2016). Neste caderno, havia 65 desenhos inéditos, supostamente feitos pelo pintor. A afirmação sobre a veracidade do caderno foi feita por Ronald Pickvance, um importante estudioso sobre a obra de Van Gogh. O *Van Gogh Museum*, em Amsterdã, maior autoridade mundial sobre a obra de Van Gogh, afirmou que, após estudos feitos por dezenas de especialistas e comparações com mais de 500 desenhos comprovadamente feitos por Vincent, os 65 desenhos encontrados pela professora Welsh-Ovcharov não foram realmente feitos por Van Gogh, pois não correspondiam ao estilo e técnica de Vincent, sendo apenas imitações.

Julian Schnabel, porém, discordou do veredito do *Van Gogh Museum* e fez a escolha de colocar em seu filme a narrativa de que o caderno de desenhos realmente pertenceu a Van Gogh. O filme apresenta uma interpretação do cineasta sobre uma informação biográfica desmentida pelos mais importantes especialistas sobre a obra de Van Gogh no mundo. Assim, Schnabel introduz o mito do caderno de desenhos, ao mostrar a dama presentear Vincent com o objeto para ele desenhar suas obras.

Van Gogh e a batalha com a saúde mental

No filme de 2018, Schnabel cria, a partir das cartas de Van Gogh, diálogos que fundamentam a personalidade do personagem como um homem trabalhador, o filme evidencia em sua sequência narrativa o compromisso do artista com a arte. Van Gogh é mostrado como um homem doente, porém, alguém que deseja viver apesar do sofrimento causado por esta enfermidade; as pinturas são expostas como uma atividade terapêutica para o artista, que busca o seu lugar no mundo através da arte. A genialidade de seu trabalho é apresentada como uma habilidade desenvolvida e aperfeiçoada, o artista se alegra com seu trabalho, e o torna o seu propósito de vida. Sua produção artística não é apresentada como fruto de surtos e frustrações.

O medo da solidão e das constantes crises que o faziam perder a memória preocupavam Vincent, que não queria causar problemas para outras pessoas. Sobre seu transtorno mental o primeiro diagnóstico médico foi feito pelo médico Félix Rey. Ao ser admitido no hospital de Arles, na noite de 23 de dezembro de 1888, após cortar a própria orelha, o Dr. Rey foi responsável por avaliar o paciente. Conforme Khoshbin e Katz (2015, p. 1),

Depois de limpar e enfaixar a ferida de Van Gogh, Vincent foi mantido no hospital por uma semana, durante a qual teve vários ataques e “crises”. O jovem médico estava bastante familiarizado com esses tipos de sintomas, porque seu colega de quarto na faculdade de medicina, o Dr. Aussoleil, havia escrito sua tese sobre epilepsia parcial. O doutor Rey disse a Van Gogh que havia feito um diagnóstico de epilepsia nele, esta foi a primeira vez que alguém explicou os múltiplos e atípicos sintomas de Van Gogh.

O desconhecimento faz parte da narrativa biográfica feita por Schnabel que não o identifica como um louco, mas como alguém em busca de ajuda. Vincent era um artista focado em se comunicar por meio de seu trabalho, porém, ele estava vivendo situações em que perdia o controle de seu corpo e de suas vontades, como afirma em carta à Theo:

Lamento criar estorvos ao Sr. Salles, a Rey e especialmente a você, mas o que você quer, a cabeça não está suficientemente equilibrada para recomeçar como antes – portanto a questão é não mais fazer cenas em público e naturalmente, estando agora um pouco calmo, sinto perfeitamente que eu estava num estado doentio moral e fisicamente. E as pessoas então foram boas comigo, as que eu me lembro e o resto, enfim, eu causei inquietações e se estivesse num estado normal nada disto teria acontecido desta maneira (Van Gogh, 2002, p. 201).

O estudo da biografia de Van Gogh revela a ambiguidade do ser humano. Em vida, nossas atitudes são interpretadas de formas diferentes e mais do que intenções, o julgamento dos outros fundamenta a forma pela qual julgamos nós mesmos. Ressignificar o passado, como é feito no filme, é uma forma de relembrar uma vida e suas experiências. Van Gogh foi julgado por meio dos paradigmas sociais de sua época, ser um artista estrangeiro na França, pintando obras que não se assemelhavam com o estilo regente no período e isso já o tornavam alguém propício a sofrer preconceito. Com o agravante de um transtorno mental, o pintor se tornou um pária social, rejeitado nas comunidades em que viveu.

Markendorf (2013, p. 17) afirma: “Assim, por ser caótica e imprevisível, a multiplicidade de eventos na vida de um sujeito é completamente oposta ao sentido uno e coerente assumido pela estrutura dos relatos de vida”. A cinebiografia apresenta figuras históricas em uma narrativa que tem como objetivo criar uma coerência discursiva, o não saber, não entender, faz parte da realidade humana, o questionamento existe em todas as existências. Em telejornais, por exemplo, é comum a existência de uma seção com notícias inspiradoras, figuras da vida real que se destacam em alguma causa social surgem como exemplos para o público que assiste a notícia. Esta prática revela que ainda neste atual momento do século XXI, a trajetória humana individual tem um profundo impacto na vida de outras pessoas.



Schnabel busca criar uma nova mítica para Van Gogh – o que ainda poderá ser dito sobre este homem? Van Gogh, um artista holandês radicado no sul da França que amava falar francês, ler bons livros e pintar em locais abertos, sofreu por muito tempo em busca de definir sua identidade. Porém, ao que se ligava primordialmente esta identidade? À sua origem como filho de um pastor protestante? Seu interesse por arte refletia os séculos de história da família Van Gogh no comércio de arte na Europa? Ele era um artista mesmo sem ter conseguido alcançar um grande público para vender suas obras durante a sua vida? Um gênio ou um louco? Estas definições realmente definem ou delimitam a identidade de alguém?

A angústia em busca por uma identidade seja ela individual, social, cultural ou histórica remete a um desejo humano em encontrar definições para suas atitudes e respostas para seus desejos. O filme torna-se uma homenagem para o biografado e cria um cânone para a sua representação em telas. Agindo de forma autoral, o cineasta pode delimitar as ideias do público sobre uma figura histórica ou ampliar as perspectivas de análise sobre o biografado e as suas obras. Levi (1989) comenta sobre a narrativa biográfica:

Se a ênfase recai sobre o destino de um personagem e não sobre a totalidade de uma situação social, a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ele se insere, é perfeitamente possível conceber de outro modo a questão do funcionamento efetivo das normas sociais. [...] Parece-me que deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha. Decerto essa liberdade não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo, no entanto, uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores (Levi, 1989, p. 179).

O posicionamento de Levi reflete a complexidade da análise biográfica por sua relação intrínseca com a história. Separar o indivíduo de seu contexto normativo não deve ser o objetivo de quem estuda a biografia, é necessário analisar as liberdades de escolha, como argumenta Levi. O indivíduo está inserido em um sistema, porém não deixa de apresentar sua própria individualidade em relação a como se apresenta e reage ao sistema. A análise biográfica precisa somar estes



fatores e não os subtrair. A representação da identidade é uma tarefa ambígua e não absoluta, por este motivo, o cinema é um veículo importante de construção narrativa que permite a crítica e a ressignificação de ideias e argumentos sobre a biografia.

O cinema tem como pilar de sua construção narrativa elementos comuns da literatura, como enredo, temas, personagens, diálogos. A construção da cinebiografia é um trabalho imaginativo em que o espectador se torna mais do que audiência da experiência fílmica, o público tem um papel ativo em criticar o enredo apresentado. Como no exemplo de Schnabel, que afirmou não ser fã de nenhuma cinebiografia de Van Gogh, observamos que a criticidade aos trabalhos anteriores permitiu ao cineasta ter o desejo em narrar a história de Van Gogh de forma mais coerente com a arte, conforme ele afirmou.

Nestes meados de século XXI, observo a transformação como um fator determinante para a escrita, seja de um livro ou de um roteiro, rótulos não abrangem o desejo social do público que vive um período de maior liberdade de expressão e que investiga sua própria identidade.

Considerações finais

O gênero cinebiografia se insere em uma perspectiva de ampliação da narrativa, histórias de personalidades reais levadas ao cinema, e apresentam uma conexão entre o real e o imaginário, tornando este gênero híbrido, pois situa-se entre a ficção e o documentário. Assim como a tradução criativa pode por vezes ser considerada uma traição ao texto fonte, a adaptação precisa se manter distante destas generalizações limítrofes. Não há uma superioridade na narrativa da cinebiografia, o que se observa é um contexto de autoria que é defendido em cada obra. O Van Gogh de Schnabel dialoga com o público do século XXI, que busca mais conhecimento sobre transtornos mentais. A obra de 2018 se insere em um contexto colaborativo em que as referências reais são ampliadas na ficção e ressignificadas pelo diretor.

Ao estudar a cinebiografia temos uma oportunidade de entender o contexto de construção de um personagem e analisar sua representação utilizando para isso obras já realizadas para este mesmo objeto, bem como a averiguação sobre a narrativa autoral. Schnabel exercita a introspecção do personagem, o público apreende as intenções do “herói” da história por meio de suas ações, e o cineasta mostra que a indagação é parte da construção do personagem. Van Gogh busca o

autoconhecimento e não se apresenta como alguém pronto, mas se constrói como ser humano e artista aos olhos do público.

No filme de 2018, observo o personagem protagonista se apresentar ao público com seus diálogos e com os seus silêncios, sua escrita não o afasta de seus elementos humanos e ainda mantém para o público os motivos de admiração ao seu caráter. Na caracterização do personagem para a cinebiografia, se basear em mitologizações significa simplificar uma história e não é uma boa contribuição para a sétima arte tornar o controverso e a dúvida, em certezas e padronizações. Ao ser perguntado sobre o que é um filme, em entrevista ao *Indiewire*, Schnabel afirma: “O filme é um excelente meio para descrever o tempo e a incongruência da vida de uma pessoa, nós a ocupamos e não a possuímos” (Thompson, 2017).

A representação mitológica de figuras históricas pode ser tanto ampliada quanto desconstruída nesse gênero. Ao evitar uma abordagem sensacionalista e focar na construção do trabalho e da carreira do biografado, a narrativa ficcional abre novas possibilidades de análise para o público.

Referências

ANTES do anoitecer. Direção: Julian Schnabel. Estados Unidos, 2000. 133 min., sonoro, colorido.

AT ETERNITY'S gate (No portal da eternidade). Direção: Julian Schnabel. Produção e roteiro: Jean-Claude Carrière, Julian Schnabel e Louise Kugelberg e Jon Kilik; CBS Films. Estados Unidos, 2018. 111 min., sonoro, colorido, digital.

BAILEY, Martin. Van Gogh's trusty pipe: how the artist believed that smoking helped his art, **The art newspaper**, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theartnewspaper.com/2020/03/27/van-goghs-trusty-pipe-how-the-artist-believed-that-smoking-helped-his-art>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BASQUIAT. Direção: Julian Schnabel. Estados Unidos, 1996. 107 min., sonoro, colorido.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Tradução por Luiz Alberto Monjardim, Maria Lúcia Leão Velloso, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomez. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 183-191.

BROWN, Mark. Newly discovered 'Van Gogh' drawings labelled imitations by museum, **The Guardian**, 15 nov. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2016/nov/15/newly-discovered-van-gogh->

drawings-labelled-imitations-museum. Acesso em: 16 dez. 2024.

CBS This Morning. Willem Dafoe: actually, painting was the key to unlocking Van Gogh for “At Eternity’s Gate”. YouTube. Publicado no canal CBS Mornings, 16 nov. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vEuJT0CW8RU&ab_channel=CBSMornings. Acesso em: 30 jul. 2022.

COX, Will. He was a pain in the Neck: Filmmaker Julian Schnabel on Vincent Van Gogh, **Broadsheet**, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://www.broadsheet.com.au/national/entertainment/article/he-was-pain-neck-filmmaker-julian-schnabel-vincent-van-gogh>. Acesso em: 15 out. 2023.

CATTRYSSE, Patrick. Film (adaptation) as translation: some methodological proposals, *Target*, v. 4, n. 1, 1992, pp. 53-70. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/target.4.1.05cat>. Acesso em: 16 dez. 2024.

EBONY, David. Julian Schnabel on how his Van Gogh biopic is the ‘Mean Streets’ of Art Movies. Disponível em: <https://www.julianschnabel.com/press-item/julian-schnabel-on-how-his-van-gogh-biopic-is-the-mean-streets-of-art-movies> Acesso em: 15 out. 2023.

KHOSHBIN Shahram; KATZ Joel T. Van Gogh's Physician, **Open Forum Infectious Diseases**, 15 jun. 2015, v. 2, n. 3. Disponível em: [10.1093/ofid/ofv088](https://doi.org/10.1093/ofid/ofv088). Acesso em: 15 out. 2023.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Tradução por Luiz Alberto Monjardim, Maria Lúcia Leão Velloso, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomez. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LUST for Life. Direção: Vincente Minnelli. Estados Unidos, 1956. 122 min., sonoro, colorido.

MARKENDORF, Marcio. Reflexões sobre a memória biográfica no meio audiovisual contemporâneo, *Anuário de Literatura*, v.18, n. 1, pp. 16-28, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n1p16>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MENDES, Maria Cristina. Cinema e história da arte: uma parceria na compreensão do repertório cultural, *Razón y Palabra*, v. 15, n. 72, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199514906031.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MIRAL. Direção: Julian Schnabel. Estados Unidos, 2010. 112 min., sonoro, colorido.

NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. **Van Gogh: a vida**. Tradução por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NAPOLÉON vu par Abel Gance. Direção: Abel Gance. França, 1927. 330 min., silencioso, preto e branco.

O ESCAFANDRO e a borboleta. Direção: Julian Schnabel. Estados Unidos, 2007. 112 min., sonoro, colorido.



THE PRIVATE life of Henry VIII. Direção: Alexander Korda. Reino Unido, 1933. 97 min., silencioso, preto e branco.

THOMPSON, Anne. Willem Dafoe as Vincent Van Gogh in 'At Eternity's gate': Julian Schnabel gives us an exclusive first look, **IndieWire**, 23 maio 2017. Disponível em: <https://www.indiewire.com/features/general/willem-dafoe-vincent-van-gogh-julian-schnabel-cannes-1201830860/>. Acesso em: 15 out. 2023.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas à Theo**. Rio de Janeiro: L&PM Editora, 2002.

VICENT e Theo. Direção: Robert Altman. França; Países Baixos; Reino Unido; Alemanha; Itália e Estados Unidos, 1990. 140 min., sonoro, colorido.

WELCK, Brian. How Willem Dafoe became an 'extension' of *At Eternity's gate* director Julian Schnabel, **The Wrap**, 22 jan. 2019. Disponível em: <https://www.thewrap.com/oscars-willem-dafoe-and-director-julian-schnabel-felt-like-the-same-person-filming-at-eternitys-gate/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

¹ Alane Melo da Silva

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: alanepoet@gmail.com